

BRICS: UMA COLIGAÇÃO DEFENSIVA CONTRA O IMPÉRIO

Claudio Katz, 27 de junho de 2025

O declínio dos Estados Unidos é a principal explicação para a ascensão dos BRICS e permite-nos situar a dinâmica desta emergência num contexto de longo prazo. É importante preceder qualquer julgamento sobre o quinteto alargado com este diagnóstico, a fim de evitar o simples elogio ou condenação de uma aliança representativa do novo cenário multipolar (Wolff, 2024).

Os BRICS formaram uma coligação para definir a sua própria agenda, em oposição aos ditames de Washington. Aspiram a agir independentemente destas exigências, na sequência do enfraquecimento do poder imperial dos EUA. Funcionam como um bloco defensivo, resistindo à submissão aos mandatos geopolíticos e económicos da potência líder (Halas, 2024).

O quinteto forma um alinhamento distinto dentro do sistema imperial dominante e tem todas as características de uma aliança não hegemónica. Este estatuto não implica, por si só, a presença de um ator contra-hegemónico com projectos alternativos.

Alguns analistas consideram que conter a agressão militar dos EUA é a principal função e o maior mérito atual dos BRICS.

Deduzem desta função que o grupo alargado desempenha um papel progressista no contexto contemporâneo (De Sousa, 2024). Esta avaliação assenta em princípios básicos de uma visão esquerdista das dinâmicas geopolíticas. Ao conter o militarismo imperial e enfraquecer as suas incursões, os BRICS contribuem para melhorar as condições da luta popular e da obtenção de ganhos.

Eles próprios não fornecem remédios ou soluções para os males do capitalismo, mas, ao entrarem em choque com os fundamentos imperiais dessa estrutura, facilitam um ambiente mais favorável à luta contra esse sistema (Patnaik, 2023).

BANDUNG E OS NÃO-ALINHADOS

Os BRICS não formam um bloco anti-imperialista, como o que se formou em 1955 na Conferência de Bandung. Os contrastes com esse precedente são enormes, e o próprio quinteto alargado rejeita qualquer familiaridade com o seu precursor. É importante notar que nenhum dos seus membros se identifica com esse pioneiro, para evitar comparações forçadas (Prashad, 2023).

Basta comparar a composição da atual liderança dos BRICS com a liderança que encabeçou Bandung para confirmar a distância monumental que separa as duas organizações. Putin, Lula e Ramaphosa não têm qualquer parentesco com Nehru, Nasser e Zhou EnLai, e Modi e Bolsonaro eram diametralmente opostos a essas

figuras. O facto de os presidentes de extrema-direita conseguirem manter os seus países dentro dos BRICS durante os seus mandatos ilustra a impressionante plasticidade política desse bloco.

A cumplicidade direta com Israel dos novos membros - como a Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos e o Egito - é também indicativa do perfil da organização (Bond, 2025). Nada desta convivência com o imperialismo teve lugar em Bandung.

Essa conferência foi um emblema do Terceiro Mundo e todos os seus participantes partilhavam o estatuto de dependência periférica das suas economias. Essa homogeneidade está atualmente ausente dos BRICS.

Nele, uma potência central (a China), que disputa a supremacia mundial com os Estados Unidos, convive com vários parceiros semiperiféricos, que mantêm entre si enormes distâncias produtivas (Rússia e África do Sul). O bloco inclui ainda expoentes típicos da periferia (como a Etiópia). Por esta razão, existem relações clássicas de dependência entre os próprios membros dos BRICS (a China vende produtos manufacturados e compra matérias-primas ao Brasil), que não estavam presentes em Bandung (Delcourt, 2024).

Os BRICS não constituem uma aliança anti-imperialista, e não faz sentido forçar esta caracterização para elogiar ou denegrir as suas iniciativas. Qualquer avaliação do carácter progressista ou regressivo das suas acções deve basear-se num diagnóstico diferente.

Uma comparação entre os BRICS e o Movimento dos Não Alinhados (MNA) revela algumas características que merecem ser destacadas. Embora esse bloco tenha sido formado em 1961, no auge da Guerra Fria - com programas de neutralidade no confronto entre os Estados Unidos e a União Soviética -, adotou, na prática, um perfil de resistência à agressão militar norte-americana. Devido às suas boas relações com o bloco socialista e aos graves conflitos que o separavam do Ocidente, oferece elementos de semelhança com os BRICS.

O MPNA incluía uma ampla gama de ideologias, continha governos de convicções políticas divergentes e dava prioridade à agenda económica. Surgiu na mesma altura em que se formava a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (CNUCED), com o objetivo de apoiar o desenvolvimento da periferia, questionando as exigências impostas pelos centros.

A semelhança com os BRICS está na origem comercial deste bloco, que surgiu numa disputa sobre o pagamento de patentes nas negociações da OMC. Esse gesto de autonomia levou a políticas desenvolvimentistas que ligam o novo quinteto ao antigo Movimento dos Não-Alinhados.

Nas primeiras décadas do século XXI, reapareceram os mesmos debates sobre a industrialização na Ásia, África e América Latina que prevaleceram em meados do século passado. Este debate é diferente do passado, e os projetos neodesenvolvimentistas em voga diferem dos seus antecessores, mas o tema é semelhante e inspira todas as iniciativas económicas dos BRICS (Katz, 2015: cap. 7).

REAVALIAÇÕES ANTI-IMPERIALISTAS

É importante reconhecer as diferenças qualitativas que separam os BRICS de Bandung, a fim de evitar raciocínios ingénuos ou nostálgicos (Vijay, 2025a). Os paralelos que podem ser traçados com o "espírito de Bandung" são apenas mensagens políticas e educativas, apontando para objectivos, aspirações ou projectos. Não implicam diagnósticos da realidade atual do quinteto. A diferença entre as duas referências é muito significativa e invalida analogias, mas a comparação fornece ideias para um programa ou desenvolvimento futuro (Vijay, 2025b).

A emergência dos BRICS permite, acima de tudo, esclarecer, reivindicar e divulgar o legado de Bandung como uma tradição anti-imperialista que é altamente relevante para a esquerda hoje (Bruckmann, 2018). Serve para destacar um evento esquecido, após várias décadas de preeminência neoliberal e ofensiva contrarrevolucionária, que procuraram enterrar os grandes marcos da luta na periferia contra o opressor imperial.

O impacto de Bandung esteve muito presente em todo o período de revoltas e guerras que marcaram a descolonização. Estabeleceu um tipo de exigências sociais e de requisitos de desenvolvimento que contribuíram para promover, por exemplo, o apelo a uma Nova Ordem Económica Internacional (NIEO) em 1974.

Essa etapa terminou com a implosão da União Soviética e a extinção do chamado bloco socialista, mas o ressurgimento de projectos progressistas e radicais - em oposição direta à atual vaga de extrema-direita - exige uma recuperação dos legados da esquerda. Bandung é uma parte importante dessa memória.

Ninguém pode imaginar seriamente a conversão dos actuais membros e governos dos BRICS numa extensão de Bandung. Discutir tal mutação é uma simplificação por parte dos apologistas do bloco ou um argumento desqualificador por parte dos denegridores dessa aliança. O que está em jogo é a existência de uma abertura favorável para lutar por essa perspetiva, com outros atores, outros sujeitos e outros programas que não os que hoje prevalecem nos BRICS.

Numa aproximação a esse curso, alguns analistas destacam que o quinteto alterou o equilíbrio de forças globais sem modificar o conteúdo geral desse cenário. Contesta o sistema vigente sem rompê-lo ou transcendê-lo (Prashad,

2023). Mas a sua emergência introduz fracturas no topo que não existiam durante o zénite da globalização, e esta erosão cria oportunidades para recuperar o projeto popular.

Aproveitar essas novas condições para reconstruir a esquerda envolve caminhos múltiplos e polémicos, mas pressupõe, acima de tudo, reconhecer as diferenças que separam os BRICS do inimigo liderado pelos Estados Unidos e seus parceiros (Desai, 2024).

Reconhecer que esses dois blocos não são equivalentes é o ponto de partida para qualquer reflexão sobre as conexões entre os BRICS e Bandung. Essa conferência foi um marco na batalha contra o imperialismo norte-americano, que é altamente relevante no século atual.

O PROJECTO SOCIALISTA

As referências de Bandung para avaliar o contexto atual também são importantes para lembrar o que faltou naquela Conferência. Foi um marco na resistência contra o colonialismo e o imperialismo, mas os objectivos sociais de erradicação da desigualdade, da opressão e da exploração - formalmente enunciados por muitos líderes nessa reunião - foram frustrados pela continuidade, reforço ou remodelação do capitalismo.

Esta é a principal lição negativa dessa experiência, que nos leva a reformular esse projeto como objectivos anti-capitalistas. O "espírito de Bandung" só pode ser realizado com sucesso se for repensado como um horizonte socialista.

É importante recordar este inacabamento num ano em que se assinala não só o 70º aniversário dessa conferência, mas também o 50º aniversário da queda de Saigão e do triunfo da revolução no Vietname (Bello; Guttal, 2025).

A reformulação socialista do horizonte de Bandung é também relevante para os contrapontos que se estabelecem atualmente com os BRICS.

Todos os pronunciamentos dessa associação em favor do desenvolvimento e da equidade são objetivos louváveis, cuja realização é inconciliável com o capitalismo. Vale a pena lembrar essa incompatibilidade diante do bombardeio de análises que pressupõem a eternidade desse sistema.

Essas visões tendem a argumentar que o cenário atual é apenas mais um episódio na perene mutação desse regime. Mas esquecem que o capitalismo foi seriamente questionado durante o colapso financeiro de 2008. A própria existência dos BRICS hoje se deve, em grande parte, à sobrevivência desse sistema.

INICIATIVAS RADICAIS

À esquerda, discute-se se os BRICS podem implementar iniciativas que favoreçam os povos, ou se, pelo contrário, essas conquistas exigem batalhas fora desse quadro.

A controvérsia leva em conta que a maioria dos governos de direita, conservadores ou de centro-esquerda que predominam no grupo são inimigos dessas melhorias, relutantes em concedê-las ou impotentes para implementá-las. Mas também constata a dificuldade de alcançar esses avanços, ignorando o papel central desempenhado pelos Estados que fazem parte dessa associação. Este dilema pode ser resolvido através do desenvolvimento de programas que apoiem as reivindicações populares e da construção de organizações para as concretizar.

Essa velha fórmula de ação política se aplica aos BRICS. Por formarem um bloco distinto em conflito com o sistema imperial dominante, eles devem ser alvo de reivindicações sociais, democráticas e políticas dos movimentos populares. Estas exigências sobrepõem-se e reforçam as mesmas reivindicações que são ouvidas a nível nacional no seio da associação.

Já existem muitos exemplos desta coordenação, e a própria história dos BRICS tem sido marcada por fóruns sociais organizados para coincidir com as cimeiras anuais. As assembleias "BRICS from below" realizadas em várias destas reuniões são exemplos desta abordagem (Bond, 2013). Foram também organizadas "cimeiras populares" do mesmo tipo que acompanharam muitas reuniões oficiais da UNASUL ou da CELAC na América Latina.

A Palestina ocupa um lugar central nas reivindicações que emergem para o próximo conclave dos BRICS. Dois membros do quinteto denunciaram os crimes de Netanyahu. O governo sul-africano defende a aplicação de sanções efectivas e o seu homólogo brasileiro denuncia os massacres e o assassinio de crianças pela fome. Já circula uma petição pedindo a Lula que rompa relações com Israel (Infobae, 2025), que deveria ser alargada a todos os governos presentes na Cimeira do Rio.

A este respeito, há ecos de Bandung, porque a luta contra o apartheid sul-africano foi um símbolo dessa conferência. O sionismo é a continuação óbvia desse colonialismo racista, e a luta contra os seus crimes é hoje a principal bandeira democrática.

OPINIÕES FAVORÁVEIS

Muitas opiniões elogiosas sobre os BRICS apresentam este bloco - na sua configuração atual - como uma alternativa ao domínio histórico do Ocidente. Destacam a atração que gera entre os países afectados por esta primazia e

sublinham os passos que o grupo está a dar para se tornar o promotor de um novo mundo multipolar.

Esta descrição limita-se a exaltar as diferenças do quinteto em relação à ordem atual, sem esclarecer o seu verdadeiro papel. Afirmar que ele constitui algo diferente do sistema vigente não esclarece em que consiste essa novidade. Na mesma linha de meros retratos está a exaltação do grupo como uma estrutura de poder oposta ao seu concorrente ocidental.

Estas observações são mais prometedoras quando sublinham a presença de uma dispersão de poder (multipolaridade), que permitiu a emergência de um contrapeso ao sistema imperial. Esta emergência enfraquece a capacidade dos principais opressores de subjugar o grosso da população. A este respeito, a simples emergência dos BRICS é um desenvolvimento promissor, mas é totalmente insuficiente para provocar mudanças significativas na ordem prevalecente.

O bloco também é elogiado pela cultura de convivência que introduz no seio da aliança, através da coexistência de países com tradições, religiões e culturas diversas (Garzón, 2024). Noutros pontos de vista, esta coabitação é interpretada como um sinal da "desocidentalização" que está a emergir no século XXI, em estreita sintonia com o declínio dos Estados Unidos, a estagnação da Europa e o renascimento da Ásia. Os BRICS são vistos como uma expressão do "mundo pós-americano" em formação (Vignolo, 2023).

Mas esta visão de longo prazo também deixa sem resposta a questão dos benefícios que o quinteto alargado traria para os explorados e oprimidos do mundo. Assinala corretamente que está a emergir como uma potência em disputa com os principais opressores dos despossuídos, mas não esclarece em que medida ou de que forma contribuiria para inverter o sofrimento dessas maiorias.

Para considerar essa possível conexão, é preciso superar as idealizações ingênuas dos BRICS, lembrando sobretudo a influência que governos de ultradireita (Índia), monarquias despóticas (Arábia Saudita), ditaduras brutais (Egito) e regimes autoritários (Rússia) têm no quinteto alargado.

É também necessário especificar em que medida esta aliança promove a paz, o desanuviamento e a resolução pacífica dos conflitos internacionais. É certo que funciona como um bloco defensivo contra as agressões imperiais dos Estados Unidos, da Europa e de Israel. Os BRICS não promovem os bloqueios, as sanções ou as violações de soberania promovidas pelo Pentágono, pelo Departamento de Estado e pela NATO (Elbaum, 2024).

No entanto, cada membro da aliança tende a envolver-se em demonstrações de poder para afirmar a sua primazia no seu ambiente regional. Rejeitam a

interferência e as provocações do imperialismo norte-americano, mas não poupam os seus próprios vizinhos a abusos. A agressão militar da Índia é apenas o exemplo mais recente dessa belicosidade.

A idealização dos BRICS está muitas vezes ligada à identificação deste bloco com o Sul Global. Como o significado real deste conceito é tão variado, é difícil precisar o significado deste termo para o quinteto.

As duas potências que comandam os BRICS disputam a supremacia geopolítica e económica na ordem atual, a partir de posições obviamente distantes do mero desamparo do Sul.

É tão problemático colocar o gigante russo como o colosso chinês nas fileiras dos países dependentes do mundo. Mas é igualmente controverso colocar potências regionais como a Índia e o Brasil, que assumiram um papel crescente entre as economias médias, no grupo dos desfavorecidos.

A própria heterogeneidade interna do bloco contradiz a sua mera localização no Sul Global, pois se este último conceito remete para as relações centro-periferia, esta assimetria está bem presente no seio dos BRICS. Basta olhar para o tipo de comércio entre a China e o Brasil para ver as típicas transferências de valor objectadas pela CEPAL ou pela Teoria da Dependência.

Os BRICS forjaram uma associação no meio de uma reconfiguração da divisão global do trabalho. Esta reconfiguração está a introduzir grandes mudanças na posição económica e geopolítica de cada país na cena mundial. Não existe ainda um conceito abrangente de "Sul Global" que possa ser aplicado ao grupo, e a simples classificação de classe (capitalistas-salários) também não esclarece o seu estatuto efetivo.

O bloco de duas potências associado aos principais actores intermédios alargou-se agora às economias rentistas de peso global e às periferias com localização estratégica. A concetualização deste grupo é uma questão pendente que exige uma elaboração livre de embelezamentos e idealizações.

SÍNTESE

O declínio dos Estados Unidos explica a ascensão dos BRICS. Eles formam uma coligação defensiva contra a agressão imperial, o que poderia melhorar as condições de luta contra o principal inimigo dos povos. Eles não revivem o anti-imperialismo nem a homogeneidade de Bandung, mas têm certas semelhanças com o Movimento dos Não-Alinhados no seu perfil desenvolvimentista. Uma mudança no equilíbrio global de poder ajudaria a reavivar o projeto popular, com outros actores e governos. As reivindicações radicais de cada conclave estão na base de uma luta que apela a horizontes anti-capitalistas. É mais útil notar a

heterogeneidade dos BRICS do que postular uma identificação forçada com o Sul Global.

REFERÊNCIAS

-Wolff, Richard (2024). BRICS Breakthrough? Economists Richard Wolff & Patrick Bond on Growing Alliance, Challenge to U.S October 25, 2024 https://www.democracynow.org/2024/10/25/brics_summit_richard_wolff_patrick_bond

-Prashad, Vijay (2023). On BRICS & Why Global South Cooperation Is Key to Dismantling Unjust World Order https://www.democracynow.org/2023/8/22/brics_summit_vijay_prashad

-Halas, Garrett (2024). Multipolaridade, BRICS+ & Socialismo. Theorizing the Global Class Struggle. Aug 22, 2024, <https://garretthalas.substack.com/p/multipolarity-brics-and-socialism>

-De Sousa Santos B, (2024). Tercera guerra mundial, los BRICS y la salvación del planeta, OtherNews, 3 janvier. <https://ilsa.org.co/2024/01/la-negociacion-con-estados-unidos/>

-Patnaik, Prabhat (2023). Behind BRICS Expansion, 4 de setembro, <https://www.networkideas.org/news-analysis/2023/09/behind-brics-expansion/>

-Bello, Walden, Guttal Shamali (2025). Reivindicar el espíritu de la Conferencia de Bandung de 1955, 11/05/2025, <https://www.sinpermiso.info/textos/reivindicar-el-espiritu-de-la-conferencia-de-bandung-de-1955>

-Bond, Patrick (2025). Tanto los BRICS como el resurgimiento de Bandung necesitan críticas duras, no sectas. <https://www.cadtm.org/Both-the-BRICS-and-Bandung-revivalism-need-tough-critiques-not-quasi-cults>

-Delcourt, Laurent (2024). BRICS y África: ¿nueva alianza win-win o colonialismo newlook? <https://vientosur.info/brics-y-africa-nueva-alianza-win-win-o-colonialismo-newlook/>

-Vijay, Prashad: (2025a). Resurrection, Moats with George Galloway - EP 440, 19-4-April <https://www.youtube.com/watch?v=BK6IVPPKmcg>

-Katz, Claudio (2015). Neoliberalismo, Neodesarrollismo, Socialismo, Batalla de Ideas Ediciones, Buenos Aires

-Vijay, Prashad (2025b). El "espíritu de Bandung" y el desarrollo industrial de Indonesia, nuevo miembro de los BRICS+ 16 abril <https://peoplesdispatch.org/2025/04/16/el-espíritu-de-bandung-y-el-desarrollo-industrial-de-indonesia-nuevo-miembro-de-los-brics/>

-Bruckmann, Mónica (2018). América Latina y la nueva dinámica del sistema mundial 31/07/2018 <https://www.alainet.org/es/articulo/194420>

-Prashad, Vijay (2023). Los BRICS han cambiado el equilibrio de fuerzas, pero no cambiaran el mundo solos agosto 17, 2023 <https://thetricontinental.org/es/newsletterissue/cumbre-brics-johannesburgo/>

-Desai, Radhika (2024). Como é que os BRICS podem desdolarizar o sistema financeiro? 24-11-03

<https://geopoliticaeconomy.com/2024/11/03/brics-dedollarize-financial-system/>

-Bond, Patrick (2013). ¿BRICS em África: anti-imperialista, sub-imperialista ou entre os dois?

https://www.cadtm.org/IMG/pdf/Bond_CCS_Brics_booklet_22_March_2013

-Infobae (2025) Intelectuales y congresistas brasileños le piden a Lula romper relaciones con Israel <https://www.infobae.com/america/agencias/2025/05/28/intelectuales-y-congresistas-brasilenos-le-piden-a-lula-romper-relaciones-con-israel/>

-Garzón, Aníbal (2024): "Hoy el Sur Global ve a los BRICS como la única alternativa a un Orden Mundial diferente" <https://www.nocierreslosojos.com/anibal-garzon-hoy-el-sur-global-ve-a-los-brics-como-la-unica-alternativa-a-un-orden-mundial-diferente/>

-Vignolo, Walter (2023). Argentina. Los BRICS y el G-7 <https://www.resumenlatinoamericano.org/2023/09/01/argentina-los-brics-y-el-7>

g-7/

-Elbaum, Jorge (2024). Los BRICS y el ocaso de Occidente, 13-10, <https://www.pagina12.com.ar/774256-los-brics-y-el-ocaso-de-occidenteresistance>.